



MIRADA, Maria Geralda de. **A política da utopia em Pepetela.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.* Volume 13, Julho 2013. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

A POLÍTICA DA UTOPIA EM PEPETEla¹

Maria Geralda de Miranda²

RESUMO

O presente trabalho busca recortar a atuação da personagem Aníbal, também chamado de Sábio, no romance *A geração da utopia*, do escritor angolano Pepetela. Para tanto, além de comparar o seu desempenho na ação narrativa com o do personagem Vitor Ramos, de codinome Mundial, procura-se fazer dialogar os ideais utopistas do herói de Pepetela com os valores de Raphael Hitlodeu pontuados na obra *Utopia*, do inglês Thomas More.

PALAVRAS-CHAVE: Pepetela, mudança, utopia, sul.

ABSTRACT

This paper aims at highlighting the role of the character Hannibal, also called the Wise, in the novel *A geração da utopia*, by the Angolan writer, Pepetela. Besides comparing his performance in the narrative action to that of the character Vitor Ramos, codenamed World, we seek to establish an interaction between the utopian ideals defended by Pepetela's hero and the values issued by Raphael Hitlodeu in the work *Utopia*, by the English philosopher Thomas More.

KEYWORDS: Pepetela, change, utopia, south.

O romance *A geração da utopia*, do escritor angolano Pepetela, mesmo sendo uma narrativa linear, apresenta uma peculiaridade estrutural, que são as datações explicitadas nos títulos dos capítulos: “A casa (1961)”, “A chana (1972)”, “O polvo (1982)”, “O templo (1991)”. Tais referencialidades apenas aparentemente separam os grupos de fatos por dez anos, aproximadamente, uma vez que o leitor vai sendo

1. Este ensaio foi apresentado no Congresso da ASSEL, em 2010, na UFRJ, com o título “Fim das certezas, ou o desalento do herói em *A geração da utopia*”.

2. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da UNISUAM. E-mail: mariamiranda@globocom.com.

informado por personagens situadas em cada uma dessas temporalidades, acerca de fatos passados. Assim, o receptor pode ir compondo o seu mosaico sobre os acontecimentos em Angola em tais intervalos.

Claro está que essa demarcação temporal proposta pelo enunciador não se faz gratuita, pois nessas datas é que acontecem os episódios norteadores de toda a história. Em 1961, no capítulo “A casa”, a geração da utopia entra em ação, com os seus militantes partindo para a luta armada; em 1972, no capítulo “A chana”, verifica-se a mudança de rumo da personagem Vitor Ramos; em 1982, no capítulo “O polvo”, encena-se o “exílio” de Aníbal, o Sábio, na praia da Caotinha e, em 1991, cenariza-se a “abertura política” e a possibilidade de ascensão de outros valores, como a escalada para o neoliberalismo em Angola.

Pensando na figura de Aníbal e tentando recortá-la, vemos, através do narrador, que, quando o romance começa, Aníbal já se encontra graduado em História e se havia engajado no serviço militar obrigatório, como oficial. O governo de Salazar, na tentativa de manter o controle sobre as colônias, preparava cada vez mais contingentes militares para combaterem os levantes armados no além-mar, principalmente em Angola, onde o MPLA já havia organizado “ataques às prisões de Luanda para libertar os presos políticos” (PEPETELA, 1993, p. 15).

Aníbal, para conseguir desertar do exército imperial, precisou contar com a ajuda de Sara, cujos traços físicos e culturais – branca, filha de colonos angolanos, estudante de Medicina –, por não despertarem tantas desconfianças da PIDE, permitiam-lhe articular-se com a organização, ajudando-o a sair clandestinamente de Portugal, pela fronteira da Espanha, com destino à França.

É na Casa dos Estudantes do Império, CEI, que tudo começa. É lá que as personagens principais do romance se conhecem: Aníbal, Sara, Vitor Ramos, Malongo e Elias. Os militantes da utopia pensavam que somente com a implantação do socialismo se redimiriam os colonizados dos padecimentos sofridos em decorrência das relações coloniais injustas: a escravidão, o trabalho forçado, a discriminação, a violência, enfim, todas as mazelas padecidas. Era assim que pensava Aníbal. Para ele, a liberdade só se atingiria pela implantação do estado-nação socialista.

Aníbal é, de fato, o grande contraponto do romance. Se Vitor Ramos, também chamado de Mundial, sai da mata para cuidar do seu futuro e é o primeiro a renegar as ideias da utopia, Sábio, por sua vez, é tido como morto exatamente por não ter recuado do Leste sem ser convocado. A sua marca principal é a disciplina. Nos primeiros anos de guerra, ele teve grande destaque no movimento. Foi comandante de importante base militar, impôs muitas derrotas ao inimigo, comandou a tomada de Benguela e destacou-se em muitos outros importantes feitos na guerra de libertação de Angola. Faz jus ao seu codinome – Sábio –, conseguido graças a sua autoridade militar e força de persuasão discursiva.

Sua capacidade de enxergar para além das lentes embaçadas de seus pares (dirigentes do MPLA) e seu senso de humanidade e solidariedade fazem dele um ser idealista e idealizado. Com o passar do tempo, com o prolongamento da guerra e com o sofrimento cada vez maior das populações civis, que também no início apoiaram as ações armadas, ele passa a discordar das estratégias traçadas por seus superiores e é daí que começa o seu isolamento na organização.

Sábio fala do “amanhã”, tão sonhado da geração da utopia, que nunca chega. A continuação da guerra, somada à falta de condições de vida do povo, que cultivava para os guerrilheiros, acaba transformando aquele momento em um “hoje” eterno, pior que o “ontem” (do colonialismo). Pelas palavras de Sábio, fica evidenciado que o desvio de dinheiro é que não permitia que as ações armadas se desenvolvessem, prolongando ainda mais o sofrimento das populações que apoiavam a guerra.

Após a tomada de Benguela, a personagem resolveu morar na praia da Caotinha em uma casa abandonada, por algum português fugido com medo da guerra. Percebe-se que, apesar do salto narrativo, cobrem-se os dez anos transcorridos de 1972 a 1982, quando a voz narrante recupera dados necessários à ordenação da sintaxe narrativa do romance.

Pelas conversas entre Sábio e Ximbulo, seu vizinho, e entre Sábio e Sara – quando esta, assim que soube de seu paradeiro, passou a fazer-lhe visitas e a ter um relacionamento amoroso com ele –, o leitor vai remontando os acontecimentos transcorridos nesses dez anos, como a Independência de Angola em 1975, a formação do governo, a guerra com a UNITA etc.

É também pelas lentes do Sábio que se vê a corrupção e o enriquecimento ilícito dos chefes do governo e o empobrecimento cada vez maior do povo. A improbidade administrativa e o peso da máquina estatal, como um grande cabide de emprego de funcionários incompetentes, começam a ser encenados a partir de 1982 e continuam em 1991, aumentando a pobreza e o sofrimento do povo, vítima do desgoverno reinante.

A grande verdade é que Sábio se isola ao ver afundar as ideias da utopia. A sua discordância dos dirigentes começou na mata. Se, no final do capítulo “A chana”, não se verifica a morte real da personagem, com certeza, ela se dá simbolicamente. Ele nos lembra uma outra personagem, também criada por Pepetela, o Sem Medo, do romance *Mayombe*. Muitas de suas palavras, ditas durante as conversas com o Comissário, antecipam o desempenho de Aníbal como “herói desalentado”, apesar dos vinte anos que separam a escrita dos dois romances (*Mayombe* foi escrito em 1971, e *A geração da utopia*, em 1991/ 1992).

Sábio, como Sem medo, também desaparece da cena política. Só que a “morte” do primeiro é simbólica, em razão de seu isolamento na Caotinha. Após a independência, ele aceita receber apenas uma pequena pensão militar. Pesca, para seu sustento, na praia que lhe proporcionou muitas alegrias na infância, mas que também lhe rendeu um dos seus principais pesadelos: o polvo.

O capítulo “O polvo” o tem como personagem central é o mais simbólico de *A geração da utopia*, pois ele é o espaço em que se pode conhecer efetivamente Aníbal, a voz discordante entre os dirigentes, mesmo sem nada falar. A sua ética e autoridade falam por ele. Talvez ele exista para denunciar a dificuldade dos homens em renunciar aos valores disseminados pelo capitalismo, sobretudo o de concentração de riquezas. Como Sem Medo, fora comandante do MPLA e era respeitado, por ser justo e sábio. Apesar de ser um historiador, as suas considerações sobre a história de Angola, contrariamente ao registro oficial da recente nação, não poderiam surgir sem uma espécie de balanço. E ninguém melhor que ele para essa tarefa, já que “havia “militado” em todas as frentes em favor de Angola, seja na academia, ainda como estudante, seja na mata.

Se, no capítulo “A chana”, se narra o desempenho de Vitor Ramos em direção a seu futuro de ministro, e ele de fato atravessa a chana – campo aberto, porque a vegetação é baixa – que o separava de sua ascensão, a Caotinha, praia de uma pequena baía, apesar de sua comunicação com o mar aberto, é um lugar fechado, e Sábio dela não sai, exceto para receber o pequeno soldo, até quase o fim da obra. Como a mata, *locus* por excelência do guerrilheiro, a Caotinha é também um lugar isolado, daí ser o lugar ideal para Aníbal refletir sobre as questões políticas, sociais, econômicas e culturais de Angola.

Contudo, Aníbal está paralisado na Caotinha. A única coisa que o move para a ação concreta é o polvo, que ele demora a atacar, mas, na sua primeira grande investida contra o animal marinho, consegue matá-lo. Antes, porém, recebe a visita de Sara, passados trinta anos. O seu reencontro e a morte do animal parecem prenunciar o fim de seu isolamento.

É fato que o polvo sempre apareceu nos sonhos de Aníbal e que a personagem escolheu viver na Caotinha também para poder caçá-lo. Tal animal marinho pode ser lido como a decepção da personagem, pode ser a desesperança total, mas, seja o que for, também é fato que ele somente o caçou após a visita de Sara. Percebe-se, então, que ela o liberta daquilo que o mantinha inerte, talvez porque, do ponto de vista ideológico, ela seja a figura que mais se aproxima de Aníbal na narrativa. Estudou Medicina para prestar um serviço ao povo de Angola. Ajudou Aníbal na fuga de Portugal, em 1961, e fugiu posteriormente para Paris, com os estudantes da CEI. Voltou a Angola após 1975 e passou a atuar no serviço público, na área da saúde. Tem o mesmo perfil ético de Aníbal, apesar de estar próxima dos membros do poder.

O seu reencontro com Aníbal talvez venha assinalar uma nova fase para Angola, primeiro porque ele consegue efetivamente matar o polvo metafórico de seus pesadelos, segundo porque resolve sair do seu isolamento e ir até Luanda visitá-la e comemorar o que se pensava ser o fim da guerra com a UNITA:

O importante é que tinha terminado a guerra e as pessoas e os transportes já podiam circular, refazendo a Nação dilacerada. Mas foi lindo, não imaginam. Depois de tantos anos pude passar na Canjala. (...) Atravessar o Quicombo e subir o Xingo, morros de tantas batalhas em guerras passadas (PEPETELA, 1993, p. 302).

Sábio diz ao genro de Sara que talvez os ideais da utopia estivessem mesmo mortos para aquela geração, mas talvez vivos para outra, a do próprio Orlando e de Judite, filha de Sara.

O mais importante de uma geração é dar qualquer coisa de bom à seguinte, um projeto, uma bandeira. No fundo é o pai a deixar uma herança para o filho. E é triste sentir que a nossa geração, que vos deu, apesar de tudo a independência, logo a seguir vos tirou a capacidade de a gozar. (PEPETELA, 1993, p. 304).

Pode-se afirmar também que, se, por um lado, o enunciador de *A geração da utopia* narra a disforia dos ideais imaginados na Casa dos Estudantes do Império, não é menos correto dizer que ele faz um resgate dessa mesma geração que se doou e se “sacrificou” em nome de um ideal que está muito além das disputas eleitorais ou cartoriais que envolvem os dirigentes do estado-nação moderno.

Não restam dúvidas de que a narrativa aborda o impasse desses nossos tempos em que a utopia parece cheirar mal, como diz Aníbal. Mas talvez ela esteja lá, à espera, em um ponto qualquer, talvez sempre mais para o sul “– será o sul a minha última utopia?” (PEPETELA, 1993, p. 308), diz a personagem Sábio.

Talvez a nação angolana idealizada não tenha sido possível, não pela impropriedade das ideias que a sustentavam, ou pela não validade das ideias revolucionárias, mas por outros fatores e jogos de força, em que os interesses particulares falam mais alto que os interesses do povo, ou da nação. O que se verifica é que o equívoco na estruturação da máquina estatal, que permitia a corrupção desenfreada, e os privilégios dos dirigentes e de altos funcionários impediam que se construísse a tão esperada justiça social. E é exatamente por ela que Sábio lutou para fazer a independência política de Angola, daí o seu isolamento e “ressaca” cívica que vai além do embriagar-se fisicamente com caxipembe.

Toda a trajetória de Aníbal confere-lhe o posto de herói, mas a pergunta é: por que ele se isola ao invés de lutar para mudar as coisas? Por que Pepetela não construiu um Aníbal diferente, que triunfasse também no plano de organização do estado angolano e que fosse reconhecido oficialmente por esses feitos? As respostas podem ser de várias ordens. Uma resposta possível pode estar sugerida no próprio título da obra: Sábio é uma metáfora, funciona como representante da geração da utopia, um símbolo dessa geração. Em conversa com Sara, ele salienta:

Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vitor antes, para só falar dos que conheceste. (...) Todos nós a um momento éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, (...) E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. (...). A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio. (PEPETELA, 1993, p. 202).

Neste momento, talvez seja importante indagarmos sobre o valor semântico do verbete utopia. Sabemos que existe uma vasta bibliografia referente ao assunto. Segundo Marcelo Caetano, a palavra utopia

é formada pelo prefixo “eu”, que indica uma qualidade positiva, e “ou” que se refere à ausência de alguma coisa ou algo, e pelo substantivo “topos”, que significa lugar. Literalmente utopia é um bom lugar, ainda não existente. Literalmente, o termo significa ao mesmo tempo “um bom lugar” e “lugar nenhum” (CAETANO, 2004, p. 49).

Aurélio Buarque de Holanda, em *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* (1986, p.1434), para conceituar o termo, recorre ao país imaginário de Thomas More, escritor inglês (1480-1535). Nele, um governo organizado da melhor maneira proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz. Ainda listando as várias acepções do termo, o filólogo diz que “utopia, além de designar um ‘projeto irrealizável’, uma ‘quimera’, é, por extensão, a descrição ou representação de qualquer lugar ou situação ideais em que vigorem normas ideais e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas”.

Marcelo Caetano salienta que, na obra moriana, “utopia designa uma ilha no Atlântico Sul – lugar de concretização de uma sociedade ideal – e se relaciona ao *modus vivendi* dos seus habitantes, os utopianos. (...) Utopia é organizada em todos os aspectos, a fim de que se possa garantir aos seus cidadãos felicidade e realização” (CAETANO, 2004, p. 49). Inocência Mata, por seu turno, mostra que, não obstante a duplicidade interpretativa do termo, utopia

designa primeiramente, um lugar bom no futuro a que se chega por via de mudanças previstas e realizadas no presente – nesta interpretação, resgatando a sua significação política. (...) Assim, apesar da possível remissão etimológica da palavra utopia para um *não-lugar*, a imaginação utópica na sua manifestação performática,

topiciza, isto é, *espacio-temporaliza* o objeto desejado, a ilha perfeita, ou a cidade ideal. (MATA, 2003, p. 304).

Ora, a utopia era o movente de Sábio no tempo da luta revolucionária e tudo indica ser o que ele continua almejando, no presente enunciativo, daí não poder compactuar com a corrupção, nem com uma máquina estatal ineficiente. Sábio não poderia fazer parte de nenhum esquema de poder que não beneficiasse o povo, em nome do qual e para o qual lutou. Como diz Silviano Santiago (1993, p. 55), “a utopia é a reflexão que visa à implantação de novos valores, completamente diferentes dos instituídos, porque libertários e justos”. De modo que, para Sábio, não bastava expulsar o colonizador, era necessário construir um país justo para reparar os sofrimentos impostos, como o trabalho forçado, talvez o pior deles.

A revolução anticolonialista e a implantação do estado-nação socialista eram a via pela qual se chegaria à utopia. Sábio, como já dissemos, é o representante da crença nesse lugar ficcionalmente construído no romance-filosófico de Thomas More, aqui tomado como reflexão principal nessa via para pensar a utopia. Raphael Hitlodeu, personagem desse romance, comenta a sua experiência na República da Utopia, expressando-se do seguinte modo:

Eis o que invencivelmente me persuade que o único meio de distribuir os bens com igualdade e justiça, e de fazer a felicidade do gênero humano, é a abolição da propriedade. Enquanto o direito de propriedade for o fundamento do edifício social, (...) não terá por quinhão senão miséria, tormentos e desesperos. (MORE, 2004, p. 21).

Adiante, argumenta:

Se tivésseis estado na Utopia, se tivésseis assistido ao espetáculo de suas instituições e de seus costumes, como eu, que lá passei cinco anos de minha vida, e que não me decidi a sair senão para revelar esse novo mundo ao antigo, confessaríeis que em nenhuma outra parte existe sociedade perfeitamente organizada. (MORE, 2004, p. 23).

Há, de fato, um diálogo entre o texto de Pepetela e *A utopia* do autor inglês. É claro que o romance do escritor angolano desconstrói essa outra narrativa, erigida também em um momento de mudanças econômicas e culturais na Inglaterra, lugar de onde fala o Lorde Chanceler More. O sonho de uma sociedade em que não imperasse a propriedade privada e a injusta divisão das classes sociais há

muito faz parte do imaginário do homem ocidental. Alguns autores dizem que o livro do inglês More inspirou Marx e também toda uma plêiade de socialistas utópicos e sempre foi considerado um texto básico para os estudiosos das ideias marxistas.

Mas, voltando ao romance, a construção da “república da utopia” de Sábio não deu certo. Após a expulsão do colonizador, continuaram a existir os sofrimentos e as desigualdades sociais, por isso não se vislumbra em Angola nem a harmonia das instituições sociais, nem a felicidade do povo, finalidade máxima do ideário da utopia.

Caso Sábio não se isolasse, caso fosse seduzido pelo poder e pelo dinheiro, valores que estimulavam Mundial, ele estaria extirpando a possibilidade de crença em qualquer utopia. Até mesmo na da sua existência como personagem “especial” – como disse Sara – por não se ter deixado seduzir pelas facilidades do poder. O fato de não se deixar “contagiar” pode ser indicativo de que o enunciador do romance, mesmo desconstruindo um punhado de certezas, quer deixar preservada a possibilidade da utopia, da crença numa sociedade mais igualitária e mais humana. Conforme já dissemos, Sábio é a metáfora da própria utopia. Em seu exílio, na Caotinha, ele escreve em seu caderno de notas:

Os regimes inspirados na experiência de Outubro reescrevem constantemente a História. (...). O reescrever a História, nesse caso, é o fazer do curso dela em uma linha reta, profeticamente ditada, desde que tomaram o poder. É a maior canelada à dialética, que já se viu e por isso Marx não deve parar de se remexer na tumba, num baile subterrâneo, o pobre Marx num frenético semba. (PEPETELA, 1993, p. 230-1).

Percebe-se, por essa fala, que Sábio separa bem as experiências dos regimes e dos partidos, que se denominam marxistas (inspirados na experiência de Outubro), da teorização marxista propriamente dita. A sua crítica centra-se exatamente na inadequada interpretação de determinados dirigentes, que não conseguem aplicar a teoria marxista à prática partidária e/ou de gestão do Estado, pois a ortodoxia impede que vejam as transformações político-sociais como imperativo histórico-dialético, já que propõem um “ajustamento que vem na linha anterior, baseado nos princípios sacrossantos e imutáveis” (PEPETELA, 1993, p. 231). A comparação com a ortodoxia religiosa retrata também a crítica da personagem a verdades dogmáticas consideradas definitivas. Ironicamente, ele diz que os partidos ateus são os que mais copiaram os ensinamentos da Igreja.

Apesar do grande significado da pergunta, “será o sul a minha última utopia?” (PEPETELA, 1993, p. 308), exatamente por causa da preservação da crença da personagem nesse “bom lugar”, pode-se afirmar que o herói do romance de Pepetela está desalentado. Sábio ainda crê nesse “lugar ideal”, mas a sua

experiência negativa com a revolução o deixa completamente paralisado. Sem falar que ele também sabe que muitos valores humanitários e éticos importantes se dissolvem nas sociedades de consumo como as atuais, e Angola, não obstante os seus percalços econômicos, já está inserida na escalada neoliberal, cujo “Deus” cultuado é o mercado, o que proporciona acúmulo de riquezas para uns, mas profunda exclusão social para a maioria. Daí talvez a razão de Sábio afirmar: “a utopia morreu”. (PEPETELA: 1993, p. 202).

Como se pode ver, Sábio, mesmo não ocupando nenhum posto no governo de Angola, estando completamente isolado na Caotinha, é um herói – às avessas – do romance, não somente pelo passado, mas sobretudo pela sua decisão no tempo presente (tempo do enunciado), de não compactuar com as distorções do projeto inicial elaborado para libertar o povo de Angola da opressão social.

Mesmo com o discurso corrosivo do fim da utopia pelo enunciador do romance, quando este desqualifica os dirigentes do MPLA e as gestões político-administrativas organizadas a partir da “experiência de outubro”, a Sábio é conferido o valor da não-corrosão de suas ideias utopistas que resistem. Se ele existe, é porque a utopia não morreu. Morto está Mundial, negando seu próprio codinome, preso aos valores coloniais e à lógica perversa de acumulação de riquezas. Sábio, ao contrário, resiste e está mais de acordo com o sujeito poético de Brecht, que alerta: “não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo (...) de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”. (BRECHT, 1975, p. 35).

Artigo recebido: 10/02/2013

Artigo aceito: 15/05/2013

Referências

CAETANO, Marcelo José. *Margens da história, limites da utopia: uma análise de Muana Puó, As aventuras de Ngunga e A geração da utopia*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, PUC/Minas, 2004.

BRECHT, Bertold. “O analfabeto político”. In *Antologia poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

MATA, Inocência Luciano dos Santos. *Ficção e história na obra de Pepetela: dimensão extratextual e eficácia*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 2003.

MORE, Thomas. *A Utopia*. Disponível em <<http://www.antropologia.com.br>>. Acesso: 17/01/2004.

PEPETELA. [PESTANA, Artur Carlos Maurício]. *A geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

_____. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1984.

SANTIAGO, Silviano. “Utopia e democracia”. In ANDRÉS, Aparecida (Org.). *Utopias*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1993, p. 53-60.